Não-ficção e pós-colonialismo: George Orwell e E.M. Forster

*Non-fiction and post-colonialism:
George Orwell and E.M. Forster*

Vinícius Conceição da Cunha¹

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

vinicius.msnreserva@hotmail.com

<https://orcid.org/0009-0004-7560-3591>

Régis Augustus Bars Closesl

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

regis.closesl@ufsm.br

<https://orcid.org/0000-0002-9342-5109>

RESUMO

Edward Morgan Forster e George Orwell foram exímios escritores do início do século XX, um período marcado por duas guerras mundiais e pelo imperialismo. Os dois autores vivenciaram o conflito de perto, pois ambos trabalharam a favor da Coroa Britânica, em contextos diferentes. Ao investigar, sob a luz dos conceitos de pós-colonialismo, suas obras *The Hill of Devi*, de Forster, e *Shooting an Elephant*, de Orwell, será possível observar como ambos os autores representaram suas realidades em relação ao imperialismo e suas experiências em um país-colônia, como a, então, Índia-britânica. Em paralelo também é cabível realizar um levantamento de suas possíveis relações eu/outro e de seus posicionamentos quanto à resistência imperial.

Palavras-chave: Forster; Orwell; Imperialismo; Pós-colonialismo.

ABSTRACT

Edward Morgan Forster and George Orwell were excellent writers of the early 20th century, a century marked by two world wars and imperialism. The two authors experienced the war up close, as they both worked for the British Crown in different contexts. By investigating their works, *The Hill of Devi*, by Forster, and *Shooting an Elephant*, by Orwell, in the light of the concepts of post-colonialism, it will be possible to see how both authors represented their realities in relation to imperialism and their experiences in a colony country, such as the then British India. At the same time, it is also

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

possible to survey their possible I/Other relationships and their positions on imperial resistance.

Keywords: Forster; Orwell; Imperialism; Post-colonialism.

INTRODUÇÃO

Um homem nascido e criado na Inglaterra pré-Primeira Guerra Mundial. Um homem que nasceu na então Índia Britânica no mesmo período. Quais possíveis relações os dois teriam? Possivelmente alguma conexão advinda de suas escritas estritas carregadas de crítica social, nas quais podemos encontrar um potencial cunho de observação de ambos os autores. Forster em suas duas viagens à Índia produziu duas obras, *A Passage to India* (1924) e *The Hill of Devi* (1953), ambas tratando da Índia colonizada, atentando-se principalmente às relações pessoais entre britânicos e indianos. Orwell, como Forster, também viajou, mas com uma diferente motivação. Já no seu primeiro ano de vida, juntamente de sua mãe e de uma de suas irmãs, Marjorie, Orwell foi levado para Inglaterra a fim de buscar uma vida melhor. Após concluir os seus estudos e não obter êxito suficiente para conquistar uma bolsa de estudos em alguma universidade, decidiu então seguir as tradições da família², inscrevendo-se para trabalhar na Polícia Imperial Indiana. Por possuir um parentesco e algum lugar para ficar, na casa de sua avó materna, Orwell então opta por exercer sua profissão na cidade de Moulmein, na Birmânia, que até então era uma província da Índia Britânica. Dessa experiência, ele produziu três obras: um romance, *Burmese Days* (1934), e dois ensaios, *A Hanging* (1931) e *Shooting an Elephant* (1936).

Olhando para duas obras essenciais dos autores, *The Hill of Devi* e *Shooting an Elephant*, pode ser possível estabelecer uma associação entre suas vidas e perspectivas da sociedade. Ambos puderam vivenciar a relação entre britânicos e indianos, a forte luta do colonialismo e imperialismo e também novas culturas que acabaram nascendo. Sob a perspectiva e abordagem pós-colonial, verificar essas duas obras e atrelá-las ao período pré-guerra e pós-guerra, em que novos países foram criados e alguns até

² O pai de Orwell, Richard Walmesley Blair, trabalhava no serviço público indiano.

deixaram de existir, pode ser uma tarefa verdadeiramente interessante e recompensadora.

Sendo um elemento muito forte, a crise de identidade e de cultura que países colonizados enfrentam se torna algo avassalador, mudando suas vidas e as vidas de suas famílias por gerações. O narrador misterioso da obra de Orwell e o próprio Forster em *The Hill of Devi* trazem visões sublimes sobre a sociedade no período, visões que merecem um olhar mais aprofundado e específico.

Após uma leitura analítica das obras dos dois autores, será possível fazer um levantamento dos principais pontos de encontro de ambas, no que se diz respeito a quais suas perspectivas quanto ao imperialismo cultural do período, suas considerações para com a hegemonia eurocêntrica que assolava as colônias, bem como suas convergentes ou divergentes visões de mundo (um britânico que viajou para a Índia/um indiano-britânico que viajou para a Inglaterra). Trazendo o apoio de dois conceitos principais, como o do orientalismo e o do Outro, será possível vislumbrar essas importantes obras de Forster e Orwell e desenvolver mais conhecimentos em relação ao pós-colonialismo.

PÓS-COLONIALISMO

O pós-colonialismo, como um campo interdisciplinar de estudo, é um conjunto de teorias que está ligado diretamente aos conceitos de colonialismo e imperialismo. Procura discutir experiências e situações acerca da escravidão, repressão, resistência, raça, gênero e espaço. Olhando para a forma como os discursos foram (e ainda são) produzidos ao longo do tempo, os teóricos buscam analisar as relações colonizador-colonizado e colonizado-colonizador, e partir delas procuram visualizar os impactos em seu âmbito cultural, político, religioso, econômico e linguístico. Segundo Gina Wisker, o pós-colonialismo é a recuperação da história do ponto de vista do ignorado, do silenciado, do Outro, das pessoas que foram apagadas e escondidas da história (Wisker, 2007, p. 54).

Lidando diretamente, e com a contribuição da literatura, os estudos pós-coloniais buscam olhar o registro literário decorrente dos povos colonizados e verificá-lo como forma de um documento oficial que carrega a história e cultura de um determinado período e povo. Olhando para as obras pós-coloniais de Forster e de Orwell, é possível fazer um levantamento de que a maioria delas são narrativas de relações pessoais,

sejam positivas ou negativas. Ghaforian e Gholi declaram que o estudo das relações é o coração do pós-colonialismo, englobando as relações entre a realidade e sua representação; entre o colonizado e o colonizador; o central e o marginal; a metrópole e suas colônias; e finalmente entre o Eu e o Outro (Gaphorian, Gholi, 2015).

Os principais fundamentos teóricos do pós-colonialismo são atrelados diretamente a Edward Said e a Gayatri Spivak, com os conceitos de orientalismo e o Outro, abordados em suas obras *Orientalismo* (1978) e *Pode o subalterno falar?* (1988), respectivamente. Com essas duas obras, os autores constroem a ideia de que a grande hierarquia de poder predisposta no mundo acontece devido a uma série de fatores, sendo estes os principais: a visão romântica do Oriente; a cultura ocidental; nós e eles; o subalterno; e estudos culturais. Esses fatores somados resultaram (e continuam resultando?) em uma diminuição do outro. Há uma constante força que reduz o não-europeu, que alavanca a cultura colonizadora, que separa e que silencia muitas vezes que estão a gritar por um local de fala digno, em que sua história será contada sem ocultos.

A DUPLICIDADE

Ghaforian e Gholi (2015) trazem a questão sobre como a duplicidade dos autores ocidentais é uma característica comum, falando principalmente sobre Orwell.

Os sentimentos contraditórios, tais como simpatizar com os nativos, ter pena da sua miséria, elogiar os seus costumes e estilos de vida periféricos e, noutras circunstâncias, odiá-los e tratá-los como seres menos humanos que devem ser governados que devem ser governados pelos seus senhores ocidentais pelo facto de serem racial, civilizacional, cultural e geneticamente inferiores, é inquietante (Ghaforian; Gholi, 2015, p. 1362, tradução nossa).³

Ao falarem sobre os autores ocidentais, podemos aqui trazer uma aproximação com Forster, que mesmo não sendo indiano, como Orwell, construiu uma relação intensa com o país. Antes de fazer sua primeira viagem para a Índia, Forster conheceu Syed Ross Masood, um jovem muçulmano indiano a quem lecionava aulas de latim.

³ “*The conflicting feelings, such as to sympathize with the natives, to pity for their wretchedness, to eulogize their periphery customs and lifestyle, while under other circumstances to hate them and treat them as less humane which must be ruled by their Western masters for the reason that they are racially, civilizationally, culturally, and genetically inferior, is unsettling.*”

Durante esse período, Masood também apresentou vários amigos indianos para Forster, apresentando-lhe então uma imagem clara de como era seu povo e sua cultura. Após Masood concluir seus estudos na Universidade de Oxford, ele voltou para a Índia, e algum tempo depois Forster foi atrás de seu amigo.⁴

Na Índia, Forster também pôde experienciar a duplicidade, criando uma forte ligação com os então colonizados.⁵ Porém, diferentemente de Orwell, que nasceu na Índia, Forster acabou sendo alvo de algumas críticas a respeito de suas visões romantizadas sobre o país. No entanto, isso pode ser visto como um elogio quanto ao seu notável poder de observação.

Em sua obra mais famosa, *A Passage to India*, Forster traz a imagem do *punkah puller*. Este homem carregava a função de segurar e balançar um leque gigante que ficava acima de mesas, locais de descanso e tribunais. Atribuída a missão de espantar o calor ou criar brisas de ar, essa “profissão” acabou se tornando um grande marco de resistência, devido ao alto grau de subemprego⁶. Peter Morey traz em seu capítulo “*Postcolonial Forster*” a seguinte ideia: como um britânico poderia provar ainda mais a sua relação e visão não preconceituosa com a Índia? Ele traz então uma citação de Gayatri Spivak que diz: “Exorbitante para a história... [o puxador de punkah] marca o lugar do outro que não pode ser excluído nem recuperado” pela ideologia dominante (Morey, 2007, p. 266).⁷

O fato de Forster não ocultar uma figura tão importante de resistência do colonialismo também pode se tornar um problema, pois Morey recorre à ideia de Teresa Hubel, a qual diz que o *punkah puller* é um sujeito subalterno, portanto falam muito sobre ele, porém ele é um silenciado (Morey, 2007).

⁴ Forster desenvolveu uma paixão por Masood nesse período. Inclusive, há comparações dessa amizade em sua obra *A Passage to India*. Forster foi para a Índia para ver o amigo e também desenvolver mais sua visão sobre o país. Para os dados biográficos referidos ao longo do artigo, recorri a biografia preparada por Nicole Beaman (2006) para Forster, e de Bernard Crick (2017) para Orwell.

⁵ Forster viajou para a Índia pela primeira vez em 1912. Nesse período a Índia ainda era governada pelo Império Britânico, dominação ocorrida desde 1858, tendo total controle pela Coroa britânica. Sempre muito preocupado com a opressão racial que constantemente observava, Forster acabou criando um vínculo com os indianos. Por ser um homem gay em um período como a Era Vitoriana, muito ele pôde vivenciar os preconceitos e atitudes opressoras de uma maioria.

⁶ Uma grande motivação para essa ‘profissão’ continuar era o calor excessivo (muitas vezes considerado até “tropical”) que os colonizadores sofriam, em contrapartida do clima europeu.

⁷ Gayatri C. Spivak, citado em Jenny Sharpe, “Figures of Colonial Resistance”, *Estudos de Ficção Moderna* (1989), 152p.

Assim, as abordagens pós-coloniais, embora possam pôr em causa a capacidade de Forster para transcender as condições intelectuais do seu tempo, sublinham frequentemente a sua organização altamente consciente dos dispositivos e a consciência das armadilhas da representação da Índia. Esta impressão é reforçada pela atenção dada aos numerosos escritos relacionados com a Índia; a par da citação sobre a "Índia real" utilizada para abrir este ensaio, podemos situar a desconfiança de Forster em relação ao "falso Oriente ... que existe para ser o pano de fundo de algum adultério europeu". Esta aversão à generalização fácil marca a perspetiva de Forster (Morey, 2007, p. 266, tradução nossa).⁸

Mas, para além das críticas negativas, Morey relata como Forster sabia das problematizações que a sua sociedade enfrentava. A falsa representação, o oportunismo e a apropriação marcaram escritores ocidentais que aproveitaram o período pós-guerra para usufruir de seus interesses e implicitamente contribuírem com o avanço do imperialismo cultural.

PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL

Ao falarmos do termo "imperialismo", uma das primeiras coisas que pode acabar vindo às nossas mentes é o Império Romano, que teve seu início em 27 d.C., com a ideia seguida diretamente pela palavra "expansão". Os impérios seguiram por muitos anos, sempre se mantendo com a ideia de expansão territorial, cultural e política, dizimando culturas e países. A Primeira Guerra Mundial (1914-1918) foi um evento que teve seu desencadeamento devido ao imperialismo, período em que as potências coloniais europeias mobilizaram forças consideráveis, recrutando soldados de suas colônias em todo o mundo para lutar em frentes distantes.

Conforme os interesses das grandes potências aumentavam quanto à economia, ao território e à política, ondas de conflito ecoavam em toda a Europa, principalmente nas colônias de países de maior poder. Exércitos eram convocados nessas colônias, e quem pudesse carregar uma arma logo era enquadrado como força militar. Santanu Das escreve em seu artigo no site Biblioteca Britânica sobre como o colonialismo era

⁸ "Thus, postcolonial approaches, while they may question Forster's ability to transcend the intellectual conditions of his time, often emphasise his highly conscious arrangement of devices and awareness of the pitfalls of representing India. The impression is reinforced by attention to the numerous Indian-related writings; alongside the quotation about the 'Real India' used to open this essay, one can place Forster's distrust of 'the faked East ... which exists to be the background of some European adultery'.⁴⁸ This aversion to easy generalisation marks Forster's outlook."

absurdamente gritante mesmo durante a guerra. Mesmo com os colonizados apoiando seu colonizador: "Os britânicos usaram regularmente tropas coloniais para a defesa imperial, mas não na Europa ou contra outras raças brancas. As tropas indianas não foram autorizadas a lutar na Guerra dos Bôeres na África do Sul (1899–1902). Se um homem 'de cor' fosse treinado para levantar armas contra outro europeu, que garantia haveria, segundo o pensamento racial, de que um dia não atacaria o seu próprio mestre branco?" (Santanu Das, 2014, n.p., tradução nossa).⁹

Além de dizimar muitas vidas, essa guerra também acabou trazendo um impacto social muito grande em todas as colônias, pois muitos soldados coloniais voltaram para suas casas com novas perspectivas e com novos ideais democráticos provenientes dos conhecimentos adquiridos na guerra.

Durante a Primeira Guerra Mundial, Orwell ainda era uma criança, mas muito pôde aprender da mesma. Em seu ensaio chamado "*My Country Right or Left*" (1940), ele relata como foi a experiência com o período de guerra:

Dos anos intermediários da guerra, lembro-me principalmente dos ombros quadrados, das panturrilhas salientes e das esporas tilintantes dos artilheiros, cujo uniforme eu preferia ao da infantaria. Quanto ao período final, se me pedirem para dizer com sinceridade qual é a minha principal lembrança, devo responder simplesmente: margarina. É um exemplo do horrível egoísmo das crianças o facto de, em 1917, a guerra ter quase deixado de nos afetar, excepto através dos nossos estômagos. Na biblioteca da escola, um enorme mapa da Frente Ocidental estava pregado num cavalete, com um fio de seda vermelha passando por um zigue-zague de alfinetes. Ocasionalmente, o fio se movia meio centímetro para um lado ou para outro, cada movimento significando uma pirâmide de cadáveres (Orwell, 1940, n.p., tradução nossa).¹⁰

Enquanto Orwell não experienciou a guerra em campo de combate, Forster sim, mas não como um soldado. Forster era um investigador da Cruz Vermelha no Egito, e ficou lá durante toda a guerra. Sua missão era ir de hospital em hospital para procurar

⁹ "The British had regularly used colonial troops for imperial defence, but not in Europe or against other white races. Indian troops were not allowed to fight in the Boer War in South Africa (1899 – 1902). If a 'coloured' man were trained to raise arms against another European, what guarantee was there, so the racial thinking went, that he would not one day attack his own white master?"

¹⁰ "Of the middle years of the war, I remember chiefly the square shoulders, bulging calves and jingling spurs of the artillerymen, whose uniform I much preferred to that of the infantry. As for the final period, if you ask me to say truthfully what is my chief memory, I must answer simply — margarine. It is an instance of the horrible selfishness of children that by 1917 the war had almost ceased to affect us, except through our stomachs. In the school library a huge map of the Western Front was pinned on an easel, with a red silk thread running across on a zig-zag of drawing-pins. Occasionally the thread moved half an inch this way or that, each movement meaning a pyramid of corpses."

desaparecidos e relatá-los. Especificamente em Alexandria, Forster publicou diários de viagem, resenhas e ensaios, muitos com conteúdos sentimentais perante a Mohammed El Adl, um árabe egípcio por quem se apaixonou.

SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Após os acontecimentos da Primeira Guerra Mundial, muitas fagulhas ainda restaram para algo eclodir novamente. Apesar dos territórios na Europa estarem mais definidos, muitos resquícios negativos vieram à tona, como o totalitarismo e o nacionalismo. Com motivações além da expansão territorial, a Alemanha, então com a ascensão do Partido Nazista, e se sentindo humilhada pelas consequências da primeira guerra, finalmente iniciou seus atos que findaram na guerra que mais matou pessoas, algo em entre 70 a 85 milhões de vidas.

Como a primeira guerra, a segunda também mobilizou muitas forças advindas das colônias, porém desta vez não parecia necessário, pois a própria guerra minou as bases do colonialismo. A destruição maciça e a carnificina causada pela guerra fizeram com que as potências coloniais parecessem fracas e hipócritas ao manter colônias contra a vontade de seus povos.¹¹ Ao enfraquecer tanto as potências coloniais quanto às suas colônias, muitas delas acabaram aproveitando para fazer movimentos de independência, como é o caso da Índia e de muitos países da África.

O grande impacto que essa dinâmica causou nas colônias também foi algo extremamente significativo. Países tiveram de lidar com a descolonização em massa, e muitos desses efeitos ainda seguem decorrentes nos dias atuais.¹² A relação de Orwell com a segunda guerra também é muito interessante, pois, segundo ele próprio, se precisasse lutar na guerra, lutaria.

Se eu tivesse que defender as minhas razões para apoiar a guerra, acredito que o poderia fazer. Não há alternativa real entre resistir a Hitler e render-se a ele, e do ponto de vista socialista devo dizer que é melhor resistir; em qualquer caso, não vejo nenhum argumento a favor da rendição que não torne

¹¹ A Segunda Guerra Mundial mobilizou o movimento de “guerra total”, em que todos os recursos dos países envolvidos foram dedicados à guerra.

¹² A descolonização automaticamente pode ser vista com olhos positivos, mas é um processo demorado e complicado. Pois muitas dessas colônias sofreram por muito tempo e as “raízes” do colonizador já estavam tão profundas que dificilmente seriam cortadas.

absurda a resistência republicana em Espanha, a resistência chinesa ao Japão etc., etc. Mas não pretendo que essa seja a base emocional das minhas ações (Orwell, 1940, n.p., tradução nossa).¹³

Entre o início fatídico da segunda guerra e o fim da primeira, Orwell desempenhou um papel importante na Polícia Imperial Indiana, na Birmânia, porém, mesmo tendo nascido na Índia, sofria com preconceitos pelos nativos da região. Devido a sua posição perante os nativos, neste caso um oficial da lei, Orwell sentia-se muitas vezes impotente devido às suas raízes. Em seu ensaio *Shooting an Elephant* ele relata um pouco desses momentos, onde levanta o questionamento de estar sendo zombado possivelmente por defender um império que o coloniza.

INÍCIO DE UMA ANÁLISE

Com fins de métodos de análise, é sempre importante lembrar que estamos lidando com duas obras não ficcionais e documentais. Orwell e Forster não construíram um universo diegético para expor suas visões da realidade e seus pontos de vista quanto ao período que puderam vivenciar.

Enquanto Orwell expõe sua obra em formato de história narrativa, em que um personagem não nomeado relata experiências e presencia situações anglo-indianas, Forster escreve seu relato em formato de diário. Compreender ambos com a mesma metodologia pode não ser uma tarefa simples, mas o primeiro passo a fim de comparar os dois autores e entender seus textos é interpretar *Shooting an Elephant* como um texto puramente não ficcional e documental, onde Orwell possivelmente utilizou de simbolismos para enriquecer a obra e dar ainda mais importância para cada situação micro.

Com uma leitura completa e analítica de cada uma das obras, poderemos fazer um levantamento importante dos principais acontecimentos em ambas, e assim relacionar dois períodos distintos, mas semelhantes quanto ao passado colonial da Índia e da Birmânia. Os períodos pré-Primeira Guerra Mundial e pré-Segunda Guerra

¹³ “If I had to defend my reasons for supporting the war, I believe I could do so. There is no real alternative between resisting Hitler and surrendering to him, and from a Socialist point of view I should say that it is better to resist; in any case I can see no argument for surrender that does not make nonsense of the Republican resistance in Spain, the Chinese resistance to Japan, etc. etc. But I don't pretend that that is the emotional basis of my actions.”

Mundial foram de muita tensão e de muitos fluxos migratórios. Por serem dois momentos em que o imperialismo ainda assolava países com menos poder, é visível o grande temor que pessoas moradoras das colônias frequentemente tiveram. A pergunta “O que acontecerá após o fim da guerra?” era algo que deixava qualquer um sem perspectiva de futuro ou certeza na vida.

SHOOTING AN ELEPHANT

Shooting an Elephant é um ensaio que até os dias atuais não exprime a certeza de ser algo ficcional ou não. Publicado em 1936 em uma revista literária chamada *New Writing*, é um ensaio que aborda, principalmente, o pós-colonialismo, mas também o tema do pós-guerra. Orwell descreve em seu ensaio um relato de situações anglo-birmanesas e anglo-indianas. Como uma espécie de “visão contrária” a livros e a autores pós-coloniais, é possível observar na obra de Orwell o preconceito sofrido pelo colonizador que incomumente é relatado.¹⁴

Orwell relata em *Shooting an Elephant* as difíceis relações pessoais que a guerra proporcionou, afinal, as guerras sempre tiveram motivações territoriais. Após a Inglaterra anexar a Birmânia, em 1923, esta mesma era administrada como uma província da Índia, e desta forma Orwell inicia sua conexão com o local.

Tudo isto me deixava perplexo e perturbado. Pois naquele tempo eu já estava convencido que o imperialismo era uma coisa maligna, e quanto mais cedo eu me livrasse do meu trabalho, melhor. Teoricamente – e secretamente, é claro – eu era a favor dos birmaneses e contra seus opressores, os ingleses. Quanto ao trabalho que eu estava fazendo, eu o odiava mais amargamente do que talvez possa expressar. Num emprego como este é que se vê de perto o trabalho sujo do Império (Orwell, 1936, n.p., tradução nossa).¹⁵

Orwell e Forster viram o Raj Britânico (Índia Britânica) de perto, e desta experiência podemos selecionar inúmeros excertos, em sua maioria negativos. De fato,

¹⁴ Vale lembrar que Orwell é indiano, mesmo sendo lembrado por muitos de seus trabalhos e relações com a Inglaterra.

¹⁵ “All this was perplexing and upsetting. For at that time I had already made up my mind that imperialism was an evil thing and the sooner I chucked up my job and got out of it the better. Theoretically – and secretly, of course – I was all for the Burmese and all against their oppressors, the British. As for the job I was doing, I hated it more bitterly than I can perhaps make clear. In a job like that you see the dirty work of Empire at close quarters.”

e obviamente, não existe qualquer ponto positivo no imperialismo. Orwell, na verdade, utiliza grande parte da narrativa em *Shooting an Elephant* para reclamar de como o trabalho era difícil. Ele estava a serviço do imperialismo, sendo secretamente contrário a ele, porém com raiva das pessoas que não o deixavam apenas cumprir sua função. Segundo o próprio Orwell, isso era culpa do próprio imperialismo:

Tudo o que eu sabia era que estava preso entre meu ódio pelo Império ao qual eu servia e minha fúria contra as pestes mal-intencionadas que tentavam tornar meu trabalho impossível. Com uma parte de minha mente, eu via o Raj britânico como uma tirania indestrutível, como algo imposto, *in saecula saeculorum*, sobre a vontade de povos prostrados; com a outra parte eu pensava que a maior alegria no mundo seria poder enfiar uma baioneta na barriga de um monge budista. Sentimentos como este são o produto normal do imperialismo: pergunte a qualquer suboficial anglo-indiano se você puder encontrá-lo fora de serviço (Orwell, 1936, n.p., tradução nossa).¹⁶

É importante entender como o exercício imaginativo, muitas vezes, também está presente em obras de não-ficção, como o ensaio. Como este método de escrita dá a liberdade do autor mostrar, mesmo que através de um texto narrativo, seus pensamentos e opiniões quanto ao acontecimento que está a presenciar. Orwell, neste caso, chama a atenção pelo sentimento de querer matar quem o atrapalha em seu trabalho. Aqui, já começamos a compreender a grande tensão que era viver no imperialismo.

Deste relato de Orwell, também podemos retirar a questão de que muitos dos policiais eram anglo-indianos. Colonizados a serviço do colonizador exercendo uma função contra seu, então, próprio povo.¹⁷ É a partir daí que Orwell começa a sofrer a maior parte de suas “ofensas”, bem como começa a ter outra perspectiva do que realmente está acontecendo:

Como agente da polícia, eu era um alvo óbvio e era gozado sempre que parecia seguro. Quando um birmanês ágil me fez tropeçar no campo de

¹⁶ “All I knew was that I was stuck between my hatred of the empire I served and my rage against the evil-spirited little beasts who tried to make my job impossible. With one part of my mind I thought of the British Raj as an unbreakable tyranny, as something clamped down, in saecula saeculorum, upon the will of prostrate peoples; with another part I thought that the greatest joy in the world would be to drive a bayonet into a Buddhist priest’s guts. Feelings like these are the normal by-products of imperialism; ask any Anglo-Indian official, if you can catch him off duty.”

¹⁷ Contra e não contra. É permitido pensar aqui que os policiais servem para assegurar a proteção e segurança de determinada civilização. Porém, qualquer instituição a favor da Coroa Britânica não era bem aceita pelos colonizados.

futebol e o árbitro (outro birmanês) olhou para o outro lado, a multidão gritou com gargalhadas horríveis. Isto aconteceu mais do que uma vez. No final, os rostos amarelos e zombeteiros dos jovens que me encontravam por todo lado, os insultos que me perseguiram quando eu estava a uma distância segura, irritavam-me muito. Os jovens sacerdotes budistas eram os piores de todos. Havia vários milhares deles na cidade e nenhum deles parecia ter nada para fazer a não ser ficar nas esquinas das ruas a zombar dos europeus (Orwell, 1936, n.p., tradução nossa).¹⁸

Enquanto Alex Zwerding (Zwerding, 1974, p. 134) diz que Orwell “nem sempre esteve do lado da vítima”, pois o fato de ele ter feito parte da polícia imperial reforça isso, Valerie Meyers (Meyers, 1991, p. 58) relata que “para governar os bárbaros você tem de se tornar um”. Com estes dois comentários negativos sobre o autor, há muito o que podemos analisar, sobretudo se relacionarmos com a continuidade de *Shooting an Elephant*, principalmente quando Orwell de fato é posto frente a frente com a delicada situação do encontro com o animal.

E foi nesse momento, enquanto estava ali parado com a espingarda nas mãos, que compreendi pela primeira vez o vazio, a futilidade do domínio do homem branco no Oriente. Aqui estava eu, o homem branco com a sua arma, à frente da multidão nativa desarmada - aparentemente o ator principal da peça; mas, na realidade, eu era apenas uma marionete absurdamente empurrada de um lado para o outro pela vontade daqueles rostos amarelos que estavam atrás. Nesse momento, percebi que, quando o homem branco se torna um tirano, é a sua própria liberdade que ele destrói. Torna-se uma espécie de manequim oco fazendo pose, a figura convencionalizada de um sahib. Porque a condição do seu governo é passar a vida a tentar impressionar os "nativos" e, por isso, em todas as crises, deve fazer o que os "nativos" esperam dele. Usa uma máscara e o seu rosto adapta-se a ela (Orwell, 1936, n.p., tradução nossa).¹⁹

Neste trecho podemos observar a tal duplicidade de Orwell, que na verdade se

¹⁸ “As a police officer I was an obvious target and was baited whenever it seemed safe to do so. When a nimble Burman tripped me up on the football field and the referee (another Burman) looked the other way, the crowd yelled with hideous laughter. This happened more than once. In the end the sneering yellow faces of young men that met me everywhere, the insults hooted after me when I was at a safe distance, got badly on my nerves. The young Buddhist priests were the worst of all. There were several thousands of them in the town and none of them seemed to have anything to do except stand on street corners and jeer at Europeans.”

¹⁹ “And it was at this moment, as I stood there with the rifle in my hands, that I first grasped the hollowness, the futility of the white man’s dominion in the East. Here was I, the white man with his gun, standing in front of the unarmed native crowd – seemingly the leading actor of the piece; but in reality I was only an absurd puppet pushed to and fro by the will of those yellow faces behind. I perceived in this moment that when the white man turns tyrant it is his own freedom that he destroys. He becomes a sort of hollow, posing dummy, the conventionalized figure of a sahib. For it is the condition of his rule that he shall spend his life in trying to impress the “natives,” and so in every crisis he has got to do what the “natives” expect of him. He wears a mask, and his face grows to fit it.”

trata de um jovem que está começando a entender muitas coisas. Talvez o vazio e a futilidade que Orwell comenta seja em cima da visão que os “funcionários” do império tinham (ou não) sobre o que é realmente “imperializar”. O sentimento de poder era sentido verdadeiramente por quem afinal? Sua rainha e família real, os quais residiam a milhares de quilômetros dali? Ou um simples policial a serviço do império? A verdade é que a maioria dos servidores do império pouco sabiam sobre o domínio cultural e territorial.²⁰

Como Orwell relata, esta máscara se amolda em todo servidor imperial, que acaba por não conseguir enxergar as implicações. Muitos dos homens que buscavam por uma certa liberdade, quando se colocavam à disposição do império, na verdade estavam perdendo ainda mais a mesma. O fato de estar no “meio”, ser um servo do império, mas a serviço também da população, também os colocava em uma posição de subordinação. Enquanto um policial birmanês detém o uso da força, Orwell claramente sentiu o poder do imperialismo sob todo o contexto. Os colonizados o enxergavam como uma simples marionete, da mesma forma que o império. O elefante surge na obra como um elemento rico em simbolismo, e neste momento representa tanto Orwell como todo o povo colonizado. O elefante, como todo colonizado, é oprimido, não seguiu as regras exigidas pelo poder. Portanto, é uma besta incontrolável e merece ser parada. Quem deve puni-lo? Quem está a serviço do império. Orwell descreve o início desta cena como se fosse um grande show:

O único pensamento que tinha na cabeça era que, se alguma coisa desse errado, aqueles dois mil birmaneses me veriam ser perseguido, apanhado, pisoteado e reduzido a um cadáver sorridente, como aquele indiano no alto da colina. E se isso acontecesse, era muito provável que alguns deles se rissem. Isso não seria bom. Só havia uma alternativa. Enfiei os cartuchos no carregador e deitei-me na estrada para conseguir fazer melhor pontaria. A multidão ficou muito quieta, e um suspiro profundo, baixo e feliz, como o das pessoas que vêem a cortina do teatro subir finalmente, saiu de inúmeras gargantas. Afinal, iam divertir-se um pouco (Orwell, 1936, n.p., tradução nossa).²¹

²⁰ Podemos lembrar do termo “imperialismo cultural” de Edward Said, que de forma resumida, trata de uma cultura se hierarquizar sob a outra, isto é, basicamente apagar ou silenciar outra cultura.

²¹ “*The sole thought in my mind was that if anything went wrong those two thousand Burmans would see me pursued, caught, trampled on and reduced to a grinning corpse like that Indian up the hill. And if that happened it was quite probable that some of them would laugh. That would never do. There was only one alternative. I shoved the cartridges into the magazine and lay down on the road to get a better aim. The crowd grew very still, and a deep, low, happy sigh, as of people who see the theatre curtain go up at last, breathed from innumerable throats. They were going to have their bit of fun after all.*”

Podemos entender desta forma, ou seja, o elefante como a representação do povo colonizado, pois Orwell o retrata como um animal indefeso, apenas preocupado com toda a situação. Quando a cena do tiro finalmente começa, conseguimos novamente olhar para ela com outra perspectiva. No primeiro tiro, Orwell relata, através do oficial, que o elefante “sente o baque”, mas que apenas se ajoelha no chão, aparentemente abatido.

Quando puxei o gatilho, não ouvi o estrondo nem senti o coice - nunca se sente quando um tiro é certo -, mas ouvi o rugido diabólico de alegria que subiu da multidão. Naquele instante, num espaço de tempo demasiado curto, como se poderia pensar, até para a bala chegar lá, o elefante sofreu uma mudança misteriosa e terrível. Não se mexeu nem caiu, mas todas as linhas do seu corpo se alteraram. Parecia subitamente abatido, encolhido, imensamente velho, como se o impacto assustador da bala o tivesse paralisado sem o derrubar. Por fim, depois do que pareceu ser um longo tempo - podem ter sido cinco segundos, atrevo-me a dizer - caiu flácido de joelhos. A sua boca babava-se. Uma enorme senilidade parecia ter-se instalado nele (Orwell, 1936, n.p., tradução nossa).²²

Neste momento, podemos citar a questão de como o imperialismo é um movimento duro e árduo, demorado, constante. Não é simples dominar um local, substituir e apagar toda a sua história. Muito mais difícil que isso é testemunhar esse acontecimento. E ali estão, na cena, mais de duas mil pessoas, que no primeiro momento estavam curiosas, interessadas, mas que, conforme a cena fica apavorante, começam a se retirar.

No segundo tiro, o elefante se levanta, demonstrando resistência, como um colonizado que não se deixa, não se entrega, luta até o fim. No último tiro, Orwell relata o fim e o quão estrondosa foi a queda do elefante, e o quanto isso impactou a plateia que já batia em retirada.

Ao final da obra, Orwell observa o elefante ainda respirando e decide dar mais dois tiros, mas o animal continua vivo. O “sangue grosso” do elefante surge aqui como

²² “When I pulled the trigger I did not hear the bang or feel the kick – one never does when a shot goes home – but I heard the devilish roar of glee that went up from the crowd. In that instant, in too short a time, one would have thought, even for the bullet to get there, a mysterious, terrible change had come over the elephant. He neither stirred nor fell, but every line of his body had altered. He looked suddenly stricken, shrunken, immensely old, as though the frightful impact of the bullet had paralysed him without knocking him down. At last, after what seemed a long time – it might have been five seconds, I dare say – he sagged flabbily to his knees. His mouth slobbered. An enormous senility seemed to have settled upon him.”

uma alusão à riqueza cultural e histórica do povo colonizado. Cada gota carrega uma imensidão de vidas, que durante todo o período imperial, foram tiradas por motivações fúteis e meramente interessadas em poder territorial, econômico e político. Outra questão sobre a negação do elefante em morrer é perceber que não há possibilidades de um ser humano “apagar outro do mapa”. Orwell relata que após o oficial sair do local, depois de desistir de encerrar o sofrimento do moribundo elefante, ele somente veio a morrer meia hora depois. Após isso, pessoas foram lá pegar suas carnes, retirar seu sangue e levar para suas casas. É possível interpretar que cada grama de seu corpo carrega uma história, e que essa mesma se espalha, segue sendo contada e compartilhada sem qualquer controle do imperialismo.

THE HILL OF DEVI

Enquanto observamos a obra de Orwell como uma história não-ficcional, a obra de Forster se mescla entre várias cartas das suas visitas na Índia. Essas eram direcionadas a sua mãe e a outros parentes.

Segundo o próprio Forster, as cartas de 1912 e 1913 são impressas sem introdução por motivos específicos que sugerem o compartilhamento como leitor da perplexidade da experiência e do prazer em mergulhar em um mundo então desconhecido²³ (Forster, 1953, p. 9). “Os indianos não são esquisitos!” (Forster, 1953, p. 9). Dizendo isso em seu prefácio, acredito que Forster consiga entregar um resumo do seu livro. É uma obra sobre aproximação, conexão e descobrimento. *The Hill of Devi* traz uma visão de Forster a respeito de seu povo colonizado.²⁴

Logo nas primeiras cartas de Forster, conseguimos perceber uma certa dualidade do autor. Um misto de curiosidade com a sensação de estar perdido em meio a tantas informações novas. Como Forster era um convidado de Malcolm Darling, que era um tutor e guardião do Rajá do estado de Dewas, Tukoji Rao III Pawar, ele pôde viver de perto a experiência de maior contato entre Índia e o Império Britânico, ou seja, o

²³ Acredito que Forster tenha deixado a contextualização de lado, nesse livro, para deixar a experiência mais “crua” possível, sem edições e sem a prévia experiência que o leitor teria caso recebesse sua introdução e comentário sobre o que viria a seguir.

²⁴ Aqui, “seu” povo colonizado, pois Forster era um homem branco, britânico, e certamente, pelo menos inicialmente, assim era visto pelo povo indiano.

próprio governo.

O Malcolm veio diretamente de Deli e estava cheio de informações sobre o desastre da bomba. Não preciso de entrar em detalhes, pois já deve ter visto muitos nos jornais. Ele acha uma pena que Lord Hardinge, tendo em conta que o seu ferimento era leve, não tenha ido do hospital para o Durbar, pois assim teria causado uma grande impressão e evitado que o grupo sedicioso dissessem que o Vice-Rei nunca tinha chegado a Delhi. Penso que os seus nervos estavam demasiado abalados, apesar de não ter sido ferido. É um negócio terrível - não só em si mesmo, mas porque fortalecerá o partido reacionário. M. diz que, depois de a notícia chegar, vários ingleses - também funcionários de alto nível - estavam ansiosos para que os *Tommies*²⁵ fossem obrigados a disparar contra a multidão, e pareciam lamentar muito que o Vice-Rei não tivesse sido morto, porque então teria havido uma melhor desculpa para fazer tal coisa. Malcolm estava no cortejo da procissão do Punjab, que precedeu a do Vice-Rei, e ouviu a notícia no caminho (Forster, 1953, p.18, tradução nossa).²⁶

Apesar da difícil tradução deste trecho, podemos observar algumas coisas. A primeira delas é como Forster parece ter noção das grandes revoltas que acontecem na Índia britânica. Os membros do “Partido Revolucionário”, que se tratava de um partido com movimentos de independência, tramaram um atentado contra o vice-rei, na expectativa de matá-lo, e por consequência, enfraquecer o Estado britânico.

Outro ponto a se observar é a maneira como Forster sabia que a alta cúpula inglesa, como alguns funcionários, queria ver o “poder agir”, e isso significava cometer um genocídio de indianos, talvez para colocar o povo contra os revolucionários, mostrar para o povo a seguinte mensagem: “Vocês que pagam pelos erros deles, sejam contra eles”.

Forster também é colocado diretamente de frente com a cultura local, por exemplo, quando vai a um casamento. Para celebrar o casamento, o Rajá organiza um rico banquete. Sem saber que roupas vestir, Forster logo procura por suas “roupas inglesas”, e enquanto estava se vestindo, é surpreendido pelo Rajá em seu quarto com

²⁵ *Tommies* é a gíria para soldado britânico.

²⁶ “*Malcolm came direct from Delhi, and was full of the bomb-disaster there. I needn't go into details as you will have had only too many in the papers. He thinks it a pity that Lord Hardinge, finding his wound was slight, did not go on from the Hospital to the Durbar, for then it would have made a great impression and prevented the seditious party from saying that the Viceroy had never reached Delhi. I expect his nerves were too much shattered, even though he was not hurt. It is a dreadful business — not only in itself, but because it will strengthen the reactionary party. M. says that after the news came, several Englishmen — officials of high position too — were anxious for the Tommies to be turned to fire at the crowd, and seemed really sorry that the Viceroy had not been killed, because then there would have been a better excuse for doing such a thing. Malcolm was in the Punjab procession, which preceded the Viceregal one, and heard the news en route.*”

um conjunto de roupas indianas.

Deixe-me me descrever. Sapato — Tive que tirá-los quando cheguei ao Palácio, então eles não contam. Minhas pernas estavam vestidas com Jodpores feitos de musselina branca. Pendurado do lado de fora era o camisa branca do jovem Sirdar, mas estava escondida por um colete com as cores de um gelo napolitano - vermelho, branco e verde, e isso estava quase escondido pela minha vestimenta principal — um magnífico casaco de seda cor de vinho, enfeitado com ouro. Nunca descobri a quem isso pertencia. Isto veio abaixo dos meus joelhos e se encaixou em volta dos meus pulsos de perto e muito bem, e bem ajustado ao meu corpo. Armado alegremente sobre um carro havia um turbante Maratha vermelho escarlate ouro — não confundir com o turbante comum; isto é um caso inventado, mais como um chapéu armado. E não era só isso. Eu carregava na mão esquerda um lenço laranja seda com pontas douradas, e antes que a noite terminasse uma marcação carmesim, como um pedaço de pão, foi estampada em minha testa, significando que eu pertencia à seita de Shiva (Forster, 1953, p. 21, tradução nossa).²⁷

É importante destacar, neste excerto, a liberdade e abertura com que Forster se expõe a cultura local, tanto para a vestimenta, os costumes, como o fato de ter de tirar os sapatos, e também, o primeiro contato de Forster com a religião, como o caso de Shiva. Após chegar ao palácio, Forster também é surpreendido com um banquete gigante, e, para conseguir comer, sentou-se no chão de pernas cruzadas, com uma bandeja à sua frente para aguardar a comida. Quando finalmente o banquete começa a chegar, Forster então observa e julga cada porção, bem como sente as dificuldades de ter de se alimentar com apenas uma mão.²⁸

As cartas de Malcolm para casa dão uma imagem do dia a dia da vida em Dewas em 1907-8. Para além de escrever à sua família, correspondia-se longamente com o nosso amigo Arthur Cole e também comigo. É interessante ver como o local o transformou. Quando chegou, tinha o sentimento de superioridade racial que era habitual entre os ingleses da época. Em poucos meses perdeu-o, e nunca mais o recuperou (Forster, 1953,

²⁷ *“Let me describe myself. Shoes — I had to take them off when the Palace was reached, so they don’t count. My legs were clad in Jodpores made of white muslin. Hanging outside these was the youthful Sirdar’s white shirt, but it was concealed by a waistcoat the colours of a Neapolitan ice — red, white and green, and this was almost concealed by my chief garment — a magnificent coat of claret-coloured silk, trimmed with gold. I never found out to whom this belonged. It came to below my knees and fitted round my wrists closely and very well, and closely to my body. Cocked rakishly over one car was a Maratha Turban of scarlet and gold — not to be confused with the ordinary turban ; it is a made up affair, more like a cocked hat. Nor was this all. I carried in my left hand a scarf of orange-coloured silk with gold ends, and before the evening ended a mark like a loaf of bread was stamped on my forehead in crimson, meaning that I was of the sect of Shiva.”*

²⁸ Na tradição indiana, a mão esquerda é considerada impura e suja, portanto usa-se apenas a mão direita para comer.

p.43, tradução nossa).²⁹

Em outro momento, Forster começa a falar da relação de Malcolm com o Rajá, e neste excerto percebemos uma ideia de Forster quanto ao momento em que um britânico chega na Índia britânica. Ele relata sobre superação racial, mas também conta a respeito da perda desse sentimento. Vale lembrar que não é comum a sensação de igualdade em um contexto imperial. Naturalmente um é colonizador e o outro, colonizado.

Em 1921, Forster voltou para a Índia britânica, desta vez para ser secretário do Marajá. Retornando no período entre guerras, Forster logo percebeu algumas mudanças, tais como a promoção de Tukoji Rao III de Rajá para Marajá. Algo que também estava crescendo era o apoio a Gandhi e suas ideias quanto ao movimento de independência e não-cooperação.

Outra observação que Forster fez foi sobre a visita do Príncipe de Gales, o futuro Edward VIII, à Índia britânica, que, segundo ele, foi um fracasso. A visita de Edward VIII foi motivada para agradecer o apoio da colônia na guerra, mas o que pôde ser visto foi uma população que clamava por independência e menos violência por parte do império.

PONTOS CONCLUSIVOS

É perfeitamente considerável pensar que Orwell e Forster estruturaram seus pensamentos acerca das relações Inglaterra-Índia. O pós-colonialismo certamente ainda não era algo a se pensar em suas épocas, afinal, com o crescimento constante das colônias pelo mundo, vitórias em guerras e avanços territoriais dos países europeus, como imaginariam isso?

Sendo um estudo científico e acadêmico que veio a emergir apenas no período pós-guerra, especificamente após a Segunda Guerra Mundial, o pós-colonialismo passou a ser investigado com outros olhos, e desde então vem ganhando

²⁹ “Malcolm’s letters home give a day-to-day picture of life at Dewas in 1907-8. Besides writing to his family, he corresponded at length with our friend Arthur Cole, and also with myself. It is interesting to see how the place transformed him. When he arrived, he had the feeling of racial superiority which was usual among Englishmen at the time. In a few months he lost it, and it never returned.”

avanços e ramificações. A partir das problemáticas do pós-colonialismo que envolvem os dois autores, podemos citar a questão da subalternidade, envolvendo Orwell, como um autor indiano, e do orientalismo envolvendo Forster, um autor britânico falando sobre a então Índia britânica.

Olhar para como Orwell e Forster representaram as relações em um contexto imperial pode ser uma tarefa intensa e demorada, vide que ambos autores possuem outras duas obras de ficção que se passam no mesmo período e contexto históricos, *Burmese Days* (1934) e *A Passage to India* (1924). Ambos os romances, inclusive, foram citados por Edward Said em seus dois livros, *Orientalismo* (1978) e *Cultura e Imperialismo* (1993), obras onde o pensador desenvolve o conceito de orientalismo.

Talvez o principal elemento que ambos os autores tenham relatado seja questão de como o imperialismo era sujo e sangrento, na maioria das vezes hipócrita e difícil de entender. Enquanto Orwell relata que deseja que o elefante tenha feito algo realmente ruim e errado de acordo com as leis, ou até mesmo reagir a ele, Forster traz o mesmo relato sobre a população que assistia à procissão para a inauguração da capital Delhi, no fatídico dia do atentado contra o vice-rei Hardinge. A alta cúpula só desejava pequenos motivos para massacrar a população, talvez para demonstrar seu grande poder.

Enquanto Forster preocupa-se em descrever as diferentes conexões culturais que presencia em toda sua viagem pela Índia, Orwell relata um caso específico, mas gritante. Orwell parece mais pesado em suas palavras do que Forster, mas talvez isso tenha uma explicação. Analisando as biografias dos dois autores, é possível perceber que, enquanto Orwell serviu por um grande tempo a polícia e lidou diretamente com a população, Forster era um ajudante ou convidado da realeza imperial. As perspectivas naturalmente podiam remeter a diferentes visões e estilos, mas que com uma boa dose de interpretação e comparação se tornam semelhantes e até se completam em sua representação de doses de violência imperial.

REFERÊNCIAS

BEAUMAN, Nicola. "Forster, Edward Morgan (1879–1970), novelist and essayist". Oxford Dictionary of National Biography. September 28, 2006. Oxford University Press. Disponível em:

<<https://www.oxforddnb.com/display/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-33208>>. Acesso em: 12 jan. 2024.

CRICK, Bernard. “Blair, Eric Arthur [pseud. George Orwell] (1903–1950), political writer and essayist”. Oxford Dictionary of National Biography. September 01, 2017. Oxford University Press. Disponível em: <<https://www.oxforddnb.com/display/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-31915>>. Acesso em: 12 jan. 2024.

DAS, S. Experiences of colonial troops. *British Library*, 2014, n.p. Disponível em: <https://www.bl.uk/world-war-one/articles/colonial-troops>. Acesso em: 17 out. 2023.

GAPHORIAN, A; GHOLI, A. A Postcolonial Reading of George Orwell’s Shooting an Elephant With Special Reference to Edward Said’s Orientalism and Binary of the Self and the Other. *Theory and Practice in Language Studies*, Londres, v. 5, n. 7, p. 1361-1367, jul. 2015. Disponível em: <<https://www.academypublication.com/issues2/tpls/vol05/07/07.pdf>>. Acesso em: 16 outubro 2023.

FORSTER, E. M. *A Passage to India*. Nova Iorque: Harcourt, Brace and Company, 1924.

FORSTER, E. M. *The Hill of Devi*. Nova Iorque: Harcourt, Brace and Company, 1983.

MEYERS, V. *George Orwell*. Londres: Macmillan Education, 1991.

MOREY, P. Postcolonial Forster. In: BRADSHAW, D. (Ed.). *The Cambridge Companion to E. M. Forster*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

ORWELL, G. My Country Right or Left. *Orwell DAG*, 2019, n.p. Disponível em: <https://orwell.ru/library/articles/My_Country/english/e_mcro1>. Acesso em: 17 out. 2023.

ORWELL, G. Shooting an Elephant. In: LEHMANN, J. (Ed.). *New Writing*. 1ª ed. Londres: The Hogarth Press, 1936.

SAID, E. *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.

SPIVAK, G. *Pode o Subalterno Falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

WISKER, G. *Key Concepts in Postcolonial Literature*. Londres: Bloomsbury Academic, 2007.

ZWERDLING, A. *Orwell and the Left*. New Haven: Yale University Press, 1974.

Recebido em: 05/01/2024

Aceito em: 30/04/2024

Vinícius Conceição da Cunha: Licenciado em Letras - Inglês pela Universidade Federal de Santa Maria - RS. Mestrando em Letras - Literatura pela Universidade Federal de Santa Maria - RS.

Régis Augustus Bars Closel: Professor Adjunto na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).